

Tempo livre: entendimentos enunciados por participantes de mestrados latino-americanos em lazer e *recreación*

Rodrigo Elizalde*

Christianne Luce Gomes**

Resumo: Este artigo integra uma pesquisa mais abrangente e objetiva analisar os entendimentos de tempo livre de professores, profissionais e estudantes vinculados a cinco programas de mestrado em Lazer/Tempo Livre/Recreação desenvolvidos em quatro países latino-americanos: Brasil, Costa Rica, Equador e México. O texto busca, também, identificar e discutir os fundamentos utilizados pelos entrevistados para embasar seus entendimentos. A metodologia contempla uma pesquisa bibliográfica e entrevistas realizadas com 25 voluntários vinculados às cinco instituições estudadas. Os resultados evidenciaram que o chamado tempo livre, e também as compreensões de lazer e de recreação muitas vezes a ele associado, geralmente configuram-se como esferas contrárias ao trabalho. Embora não tenha sido unânime, prevaleceu a compreensão de tempo livre como aquele que resta após serem cumpridas as atividades profissionais, obrigações e outros compromissos, representando um tempo liberado para fazer o que se gosta e se deseja. Alguns entrevistados explicitaram sua opção por não utilizar o conceito de tempo livre, salientando as tensões e contradições que permeiam essa expressão.

Palavras-chave: Atividades de lazer. Recreação. Estudantes.

1 TEMA INVESTIGADO, OBJETIVO E METODOLOGIA: CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

A expressão tempo livre emerge como uma categoria histórico-social no seio das sociedades ocidentais capitalistas em decorrência, sobretudo, das transformações geradas pelas revoluções industriais

*Grupo de Pesquisa OTIUM: Lazer, Brasil & América Latina; CNPq. Santiago, Chile. E-mail: roelizalde@gmail.com

**Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer. Universidade Federal de Minas Gerais. Minas Gerais. CNPq/Fapemig. Brasil. E-mail: chris@ufmg.br

capitalistas deflagradas na Inglaterra no século XVIII. Segundo Dumazedier (1979) – um dos autores cujo pensamento teórico tem forte influência nos estudos sobre o lazer na América Latina – este processo foi verificado não somente nas sociedades urbano-industriais capitalistas, mas também na antiga URSS.

Nesse contexto, o chamado tempo livre foi tomado como algo à parte do tempo de trabalho, destituído de finalidades utilitárias ou produtivas e considerado como não obrigatório. Tendo em vista essa compreensão, indaga-se: será esse o entendimento de tempo livre que prevalece entre estudiosos latino-americanos do lazer e da recreação?

Essa foi a pergunta central que guiou as discussões empreendidas neste artigo, que é fruto de uma pesquisa mais abrangente e objetiva analisar os entendimentos de tempo livre de professores, profissionais e estudantes vinculados a cinco programas de mestrado em Lazer/Tempo Livre/Recreação desenvolvidos em quatro países latino-americanos: Brasil, Costa Rica, Equador e México. O texto busca, também, identificar e discutir os fundamentos utilizados pelos entrevistados para embasar seus entendimentos.

Com relação à metodologia, a investigação realizada teve abordagem qualitativa (LAVILLE; DIONNE, 1999). Para fundamentá-la, foi desenvolvida uma pesquisa bibliográfica por meio do estudo de livros e também de outras publicações relacionadas às temáticas investigadas. A pesquisa foi enriquecida com entrevistas realizadas com 25 voluntários vinculados a cinco instituições que concederam anuência para participar do estudo: (a) Universidad Regional Miguel Hidalgo (URMH), México, que oferece desde 1997 a Maestría en Recreación y Administración del Tiempo Libre; (b) Universidad YMCA, México, que criou em 2004 a Maestría en Recreación; (c) Universidad de Costa Rica (UCR), com a Maestría Profesional en Recreación, que teve sua primeira turma em 2005; (d) Escuela Politécnica del Ejército (ESPE), Equador, que desde 2006 realiza a Maestría en Recreación

y Tiempo Libre, e (e) Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), onde o atual Mestrado em Estudos do Lazer teve sua primeira turma matriculada em 2007.

Em cada proposta foram entrevistadas cinco pessoas: o coordenador, dois professores, um estudante e um egresso. Os entrevistados foram sugeridos pelos coordenadores e as entrevistas seguiram um roteiro semiestruturado. Todas as entrevistas foram realizadas individualmente e, com a concordância formal dos entrevistados (expressa no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido), os depoimentos foram gravados. Posteriormente, foram transcritos na íntegra, conforme a língua materna dos entrevistados.

Para preservar o anonimato de cada entrevistado/a foi adotada a seguinte estratégia: ao final dos trechos extraídos dos depoimentos foi utilizado um código nomeador, iniciado pela letra E (de entrevista), seguida do envolvimento daquela pessoa com o mestrado, expresso pelas opções C. (coordenadores), P1. ou P2. (professores), E. (estudantes) ou EG. (egressos). Em seguida, foi indicado o país do mestrado, sendo B de Brasil, E de Equador, CR de Costa Rica, M1 de México/URMH e M2 de México/YMCA.

O estudo comparativo foi utilizado como modo de investigação, priorizando a ultrapassagem da unicidade e da constatação de regularidades, buscando analisar semelhanças e diferenças no contexto de cada mestrado, seguindo as indicações formuladas por Bruyne, Herman e Schoutheete (1977). As informações foram organizadas e analisadas por meio da construção iterativa que integra a estratégia de análise de conteúdo especificada por Laville e Dionne (1999). Dessa forma, a análise foi construída passo a passo – com reflexão e interpretação das informações coletadas durante todo o processo, como será tratado no próximo tópico deste artigo.

2 COMPREENSÕES DE TEMPO LIVRE DOS ENTREVISTADOS

Neste artigo, os entendimentos de tempo livre dos entrevistados são analisados por mestrado e por país, o que permite

visualizar possíveis aproximações e distanciamentos que marcam cada contexto.

Como foi tratado anteriormente, é comum conceber o tempo livre como um tempo de não trabalho, que supostamente estaria isento de obrigações e permitiria a livre escolha, como sugere Dumazedier (1979). Essas ideias foram explicitadas no depoimento de alguns entrevistados das duas universidades mexicanas aqui estudadas, como pode ser verificado a seguir:

El tiempo libre como ese número de horas, en la división del tiempo que tenemos todos los seres humanos. Bueno una fracción se refiere a ese tiempo libre, pero estamos hablando más en términos cuantitativos. (E.C.M2.)

Entonces por ejemplo, tengo el tiempo libre después de desarrollar todas mis actividades. Es el tiempo que me sobra. (E.P1.M2.)

Tiempo libre es una forma de calcular el tiempo liberado... de ocio. Me lo tengo que dar. Ya casi no hablo del tiempo libre. (E.P2.M2.)

El ocio y la recreación se tienen que dar en un tiempo libre, libre de tensiones de lo que es la formalidad de un trabajo, la formalidad de estar en casa con los hijos, con la actividad que tú quieras. (E.E.M1.)

[...] el tiempo libre pues es el tiempo en cuestión día o noche, el tiempo natural de día que nos queda fuera de todas las obligaciones para realizar algún tipo de actividad y ahí es cuando entra la recreación. (E.P2.M1.)

Os depoimentos anteriores revelam que o tempo livre é concebido por entrevistados vinculados aos dois mestrados do México como aquele tempo que resta após o sujeito cumprir suas atividades obrigatórias, ou seja, um tempo liberado. Para configurar o tempo livre eles salientam a divisão temporal e o situam como um tempo que sobra depois das obrigações, incluindo o trabalho formal e toda sua tensão. Tal compreensão coincide com o que foi mencionado por Padilha (2004, p.220):

Grande parte dos autores que estudam o lazer atribui ao tempo livre a idéia de um tempo em que não se faz nada por obrigação; é, então, um tempo liberto das obrigações no qual se pode optar por fazer alguma atividade prazerosa, descansar ou simplesmente não fazer nada.

Entretanto, em outras entrevistas realizadas no México foram ressaltados diferentes elementos para explicitar as compreensões de tempo livre, situando-o para além de um tempo residual e vinculando-o com ocio e recreación.

Tiempo libre lo identifico como un espacio, una situación en la cual se puede participar en la recreación. Pero no bajo un concepto residual como lo podríamos tener en lo cotidiano, un tiempo libre que me sobra después de haber cumplido con otras obligaciones. Yo lo quiero ver y quisiera aportar para que cualquier individuo lo identificara como un tiempo que se dedique a sí mismo, que se reserve para que pueda en primera instancia ocuparlo como esa persona quiera con su libre determinación, con autonomía y que no dependa de otras circunstancias más que de su propia decisión. (E.E.M2.)

[...] para mí el tiempo libre es justamente, y es la percepción personal, es como yo me enfoco a leer mi libro, a escuchar mi música, a sentarme a ver el atardecer, a platicar con mi pareja. (E.EG.M2.)

Esses entendimentos ressaltam o tempo livre como um tempo não residual, um tempo dedicado a si mesmo, com autonomia, visto como resultante da própria decisão e livre determinação do sujeito. Essa percepção qualifica o sentido habitual de tempo livre e pode ser complementada com os seguintes enunciados:

Y en el caso del tiempo libre pues hoy en día con todo es el ritmo de vida que tenemos, muchas personas a mí me dicen “es que no tengo tiempo libre”. Yo creo que si todos tenemos. Tenemos que hacernos esos espacios. De qué depende de una administración de tiempo a nivel personal primero. Tenemos que tener claro que el trabajo no

es lo único, que necesitamos tener espacios para nosotros, para la familia y todo esto en base a la administración de nuestro propio tiempo. Y a lo mejor si algunos tienen más tiempo libre que otros, eso sí es cierto, pero el hecho es como viven ese tiempo. Si es que están comprometidos consigo mismos para crearse esos espacios. (E.EG.M1.)

Y el tiempo libre tiene que ver la cuestión de este espacio de tiempo y espacio social en el cual, pues, [...] no todo lo que se hace en tiempo libre es positivo, y que te va a llevar a la recreación. Es una cuestión aquí, que también muchas de las cosas que se hacen en el tiempo libre suelen ser negativas. (E.C.M1.)

Esses relatos colocam em evidência várias questões instigantes, entre as quais a percepção da falta de tempo para se dedicar àquilo que se gosta, bem como a necessidade de ampliar as possibilidades de dispor de mais tempo para si e para a família. Também foi comentado que é essencial ter clareza sobre como se vive o tempo livre, que poderá constituir um momento de ocio e recreação, ou ser empregado para realizar algum tipo de atividade fora das obrigações. Para alguns, essas questões estão diretamente associadas com a importância de administrar adequadamente o próprio tempo.

Entretanto, administrar o tempo seguindo a lógica linear que caracteriza as sociedades urbanas, industriais e capitalistas pode dificultar a compreensão de tempo como uma construção histórico-social. Segundo Elias (1998), o tempo não é um objeto natural e não existe em si. Ele é o símbolo de uma instituição social e resulta de um longo processo de aprendizagem, coerção e autodisciplina. Simboliza, pois, *habitus* e representações incorporadas no âmbito de uma sociedade. Tais representações também se expressam no chamado tempo livre, que, via de regra, nem sempre é concebido como uma construção histórico-social.

No Equador também foram identificadas algumas dessas visões. Como pode ser averiguado nos depoimentos que se seguem, a ênfase dos entrevistados incide sobre a dimensão temporal ao

opor tempo livre e tempo de trabalho. Essa compreensão é bastante comum quando se leva em consideração os significados mais usuais para elucidar esta expressão.

Tiempo libre es aquel tiempo que nos queda para disfrutar uno mismo como ser humano después de haber cumplido todos nuestros tiempos de trabajo o de dedicación a la familia, sociales, o sea que es algo que es uno, que es para uno mismo. Porque hay un montón de tiempos, ya analizando bien, entonces el tiempo que uno tiene para hacer cosas que a uno le gustan hacer. (E.E.G.E.)

Por tiempo libre me inclino más por la postura que un mexicano, Gonzalo Llacas, ha tomado de otros autores extranjeros, decía que el tiempo libre es el continente y el ocio es el contenido. (E.P2.E.)

De acuerdo a muchos autores el tiempo libre esta dentro de los ámbitos hablemos laborales. Y también uno puede encontrar ocio en las actividades laborales. Pero el tiempo libre lo ven en cambio desde el otro lado como el término de las horas laborales, las horas de trabajo, las horas de estudio, entonces ahora es el tiempo libre. [...] Pero para nosotros, lo tomamos un poquito más filosófico desde la parte de que el hombre en todo el tiempo tiene un tiempo libre para sentirse crecer, para sentirse que él existe, para sentirse que es un hombre capaz en todos los aspectos y por tanto diríamos que estamos como... para separar, algo así, un poquito. (E.C.E.)

Como indicam os comentários dos entrevistados no mestrado do Equador, o tempo livre é concebido como um tempo de “não trabalho”. Em alguns casos, amplia-se a ideia do tempo livre como aquele que fica depois das obrigações laborais e outros compromissos familiares ou sociais, representando um momento para fazer o que se gosta. Por isso, a compreensão de tempo livre vincula-se diretamente com ocio e recreación.

O entendimento de tempo livre como uma fração de tempo específica também é comum no contexto do mestrado da Costa Rica, sendo um aspecto mencionado pelos cinco entrevistados:

Tiempo libre, pues, [es la] porción de tiempo que no está dedicada al trabajo, o al estudio, o a obligaciones familiares o sociales, o de cuidado personal. (E.EG.CR.)

Y lo de tiempo libre, con la división del tiempo. Que hay un tiempo para necesidades fisiológicas, otro tiempo para trabajo, estudio y demás, y el restante del tiempo, en donde no tengo que hacer nada obligado, ese sería como el tiempo que yo me dedico. El tiempo libre incluye a la recreación pero son diferentes. (E.E.CR.)

[...] tiempo libre es todo aquel tiempo que yo tengo disponible en el cual no estoy realizando alguna actividad que es obligatoria [...]. Eso sería mi tiempo libre. Y es ese sentido este yo identifico al ocio como un tiempo libre. Aunque por ahí hay una conceptualización que se maneja que el tiempo de ocio sería el tiempo libre bien invertido. (E.P2.CR.)

[...] el tiempo libre como lo dice es libre de compromisos de todo tipo, laboral, de estudio, sociales. O sea es el tiempo en el que yo decido qué puedo hacer, que actividad quiero hacer, actividad recreativa o actividad no recreativa, porque puede ser actividad de otra índole. Pero al final de cuentas tiempo libre de cualquier compromiso que se tenga. (E.P1.CR.)

El tiempo libre es el tiempo que le sobra a la persona después de trabajar, después de la actividades familiares, después de todo. [...] La gente tiene que entender eso que el tiempo libre es el uso que yo le doy correcto, sano, positivo a ese tiempo para estar mejor. Pero después de todas las obligaciones familiares, de trabajo, etc. [...] Entonces nosotros le decimos a la gente que el tiempo libre lo use siempre positivamente para el bienestar propio. Si lo manejamos negativamente, todo mal. [...] El tiempo libre negativo uno lo ve ahí en las cantinas, con toda esa gente que anda tomando todos los días de la semana. Están felices dicen ellos, porque hicieron una investigación:

¿Tú eres muy feliz tomando así? Pues soy muy feliz. Se está dañando físicamente, va a la casa le pega a la señora, etc. ¿Qué finalidad tiene eso? (E.C.CR.)

Esses depoimentos revelam que os entrevistados da Costa Rica também entendem o tempo livre como uma porção de tempo que não está dedicada ao trabalho, ao estudo, a obrigações familiares ou sociais, ou ao cuidado da própria pessoa (incluindo as necessidades fisiológicas, entre as quais de dormir, alimentar-se, etc.). Nesses termos, o tempo livre é assimilado como um tempo residual do trabalho, o que coincide com Dumazedier (1979). Também é entendido como um tempo próprio, que a pessoa dedica a si mesma. De acordo com essa interpretação, a recreação pode contribuir para que o tempo livre seja utilizado positivamente.

Nesse aspecto radica um diferencial dos entendimentos enunciados pelos entrevistados da Costa Rica em comparação com os mexicanos e equatorianos anteriormente destacados. Afinal, a compreensão de tempo livre é encaminhada no sentido de ressaltar a importância do seu uso correto e adequado para que seja sano e positivo. E.C.CR. destaca três tipos de tempo livre: negativo, neutro e positivo, evidenciando alguns dos aspectos morais que podem ser atribuídos ao tempo.

O binômio positivo/negativo é bastante comum na produção bibliográfica sobre a temática do lazer/ocio e recreação/recreación. Desse modo, afirma-se a existência de dois âmbitos opostos que, inevitavelmente, acabam reforçando uma interpretação dicotômica. Não se pode negligenciar o fato de que qualquer classificação polarizada envolve julgamento de valores e estes, frequentemente, variam de acordo com o contexto. O que pode ser avaliado como positivo por algumas pessoas ou em alguns contextos pode representar algo nocivo para outros, havendo também uma relatividade que precisa ser levada em consideração.

Quando se pensa nos vícios autodestrutivos, na prostituição e no vandalismo, por exemplo, os aspectos nocivos para as pessoas

e para a sociedade podem ser facilmente identificados. Mas, em muitas práticas sociais, eles podem estar dissimulados e não se mostrarem como tal. Além disso, nem sempre existe clareza quanto ao processo de classificação de determinadas ações humanas, fazendo com que algumas sejam naturalizadas e aceitas e outras gerem perplexidade e rejeição.

Rojek (2011) é um autor criticado por abordar temas polêmicos, por ele denominados de formas anormais ou desviantes de lazer. O autor argumenta que é no tempo livre que as pessoas, libertas de muitas das restrições que governam o comportamento, gozam de maior autonomia e flexibilidade para agir conforme suas escolhas. Por isso, muitas vezes se envolvem com práticas de lazer taxadas de negativas porque estão relacionadas com a transgressão de regras e de convenções sociais.

Fundamentado em pesquisas que discutem a questão do uso de drogas e de álcool, por exemplo, o autor explicita que as pessoas que buscam esse caminho estão vulneráveis a desenvolver “culturas de dependência”, mas, possuem uma variedade de elementos que justificam a motivação subjetiva por fazê-lo. Tudo isso, frequentemente, relaciona-se com a necessidade de liberação de aspectos restritivos da vida cotidiana, o que expressa um forte senso do sujeito sobre si mesmo como diferente e afastado da sociedade (ROJEK, 2011).

No presente artigo, reconhecemos que o envolvimento de pessoas com práticas ilícitas pode ser motivado pela busca de experiências novas, emoção, adrenalina, etc., e que muitas vezes elas estão conscientes dos riscos a que se expõem. Em alguns casos, isso pode representar uma estratégia de evasão, mas, em outros, pode significar uma atitude transgressora da ordem social vigente. Assim, consideramos que as diferentes ações humanas são complexas e não têm necessariamente uma causa única – por isso, nem sempre elas constituem atitudes alienadas e autodestrutivas.

Temas como esses são polêmicos e geram contradições, mas, não se pode adotar uma postura simplista para tratá-los, o

que demanda análises mais densas nos estudos sobre o assunto. Assim, as reflexões aqui apresentadas não pretendem esgotar o debate, tampouco fazer uma apologia de práticas comumente consideradas nocivas para a pessoa ou para a sociedade, como o uso de drogas (lícitas ou não) e o vandalismo, por exemplo. O que se almeja é evidenciar que a questão é muito mais complexa do que se supõe e, por isso, requer uma análise de suas causas mais profundas. Isso, seguramente, escapa ao binômio positivo/negativo, uma visão que precisa ser problematizada, pois, ela pode estar invisibilizando interesses ocultos no chamado tempo livre, silenciando experiências e relações de poder.

Os significados de tempo livre também foram discutidos pelos entrevistados brasileiros e instigam outras reflexões que, em alguns pontos, contrastam substancialmente com as compreensões dos entrevistados da Costa Rica, do Equador e do México. Primeiramente, podem ser ressaltada as incertezas e limitações quanto ao uso dessa expressão, como foi indicado no depoimento a seguir.

[...] eu nem sei dizer o que é tempo livre para falar a verdade, porque é difícil eu falar o que é um tempo livre porque você sempre está ligado a um monte de coisa. Se o tempo livre for aquele tempo fora do tempo de trabalho, nem sempre você vai utilizar aquilo como lazer [...]. Então eu acho que é difícil diferenciar o que é isso. (E.E.B.)

Cabe salientar que, em cada contexto, a vida coletiva frequentemente se organiza em “tempos sociais”, ou seja, em momentos determinados para a realização de atividades ligadas ao trabalho, à família, à educação, ao descanso, etc. A vida social é regida pela articulação desses momentos (PADILHA, 2004). Contudo, o dia a dia nas cidades urbanizadas da atualidade se diferencia de alguns contextos nos quais os tempos sociais são regidos por outras lógicas, muitas vezes conectadas aos ciclos da natureza, e não ao tempo artificial determinado pelo relógio. É assim que, em nossos dias, o principal sentido de tempo livre prevalece como um tempo de não trabalho (GOMES, ELIZALDE, 2009).

Outro entrevistado brasileiro chamou a atenção para alguns aspectos que nem sempre são considerados quando se usa a expressão tempo livre e optou por abandonar esse conceito.

[Tempo livre] é um conceito que eu simplesmente não reconheço. Eu costumo brincar com as pessoas: livre de quê e livre de quem? Então, para mim, esse é um conceito que não existe, eu até brinco assim: toda vez que a gente quer adjetivar é porque a gente não está entendendo muito bem o que quer dizer, então o tempo livre é um conceito que eu tento não procurar trabalhar, eu prefiro a noção de tempo do que de tempo livre. [...] Então, este é um conceito que eu acho um conceito movediço, se eu tiver que abandonar um conceito, esse é o conceito que eu elegi para abandonar. (E.P2.B.)

Essa compreensão pode ser relacionada com a interpretação de Padilha (2004). A autora sublinha que grande parte dos autores que estuda o lazer atribui ao tempo livre a ideia de um momento em que não se faz nada por obrigação. Seguindo essa lógica, o lazer “seria uma esfera desse tempo livre – ou tempo liberado – que implicaria em realização de atividades” (PADILHA, 2004, p.220). Com isso, é como se o tempo livre fosse um tempo liberto de obrigações no qual se pode optar por alguma atividade prazerosa, descansar ou até mesmo nada fazer.

Nessa linha de discussão, as contradições que permeiam o chamado “tempo livre” também foram destacadas por outro entrevistado brasileiro:

Eu penso o tempo livre como um tempo de disputa, um tempo que está demarcado por controle o tempo inteiro e articulações [...]. Mas as pessoas também resistem, porque tem pessoas que moram, por exemplo, em aglomerados e periferias e que buscam um conhecimento maior desses outros interesses do lazer, que buscam ter experiências no seu tempo livre, enriquecedoras. Que vão atrás desses outros conteúdos, que procuram aprofundar, procuram ter outras experiências de lazer. (E.EG.B.)

Os entrevistados E.P2.B. e E.EG.B. procuram compreender o tempo livre indo além dessa categoria em termos quantitativos, instigando o repensar crítico sobre os entendimentos que o reduzem a um tempo residual, liberado do trabalho e de outras obrigações.

Como já salientado, o tempo fora do trabalho nem sempre será disponibilizado integralmente para o lazer, uma vez que diversas atividades não profissionais são realizadas cotidianamente – tais como o trabalho doméstico, dedicação a crianças e adultos que requerem apoio, deslocamentos, necessidades fisiológicas e cuidados pessoais, participação política ou religiosa, entre outras. Assim, mesmo quando se considera que o tempo livre é um tempo que pode ser destinado a atividades prazerosas, tal perspectiva pode reforçar a crença de que se trata de um período neutro, vazio, abstrato e desvinculado de um contexto mais amplo.

Uma das entrevistas realizadas no mestrado do Brasil procurou ampliar a compreensão de tempo livre ao enfatizá-lo como tempo disponível e também como tempo conquistado:

[...] há um tempo livre sim, que a gente libera para o lazer, é o tempo disponível, porque realmente tudo é em função de normas de convívio social e é um tempo conquistado, porque na verdade, tem duas questões: é uma conquista pessoal e uma conquista para os trabalhadores organizados ao longo da história, dos trabalhos da sociedade. (E.C.B.)

De fato, as expressões “tempo disponível” e “tempo conquistado” são utilizadas alternativamente por alguns estudiosos brasileiros devido às limitações que, em geral, estão associadas ao conceito de tempo livre. Quando se opta pela expressão tempo conquistado, geralmente se considera a possibilidade de escolha ou conquista pessoal, ou são feitas associações com as conquistas sociais no campo do trabalho que acabaram possibilitando, em vários países, a adoção de tempos institucionalizados para o lazer: fins de semana, férias e aposentadoria, havendo também os feriados religiosos ou civis. O problema é que os tempos institucionalizados

não garantem que esses períodos serão, por princípio, destinados ao lazer, o que coloca em realce a importância de ampliar as possibilidades para a sua vivência. (GOMES, 2008)

Quando se considera a expressão tempo disponível, na maioria das vezes o que se pretende evidenciar é a existência de um tempo estabelecido fora das obrigações que poderia ser dedicado exclusivamente ao lazer. Sobre esse aspecto, Dumazedier (1979) entende que o tempo de lazer é concedido pela sociedade ao indivíduo quando este se libera, segundo as normas sociais do momento, de múltiplas obrigações. Paraphraseando o autor, trata-se de um tempo que a redução da jornada de trabalho e a diminuição das obrigações familiares, sociais e espirituais, assim como “a liberação das obrigações sócio-políticas tornam disponível. [...] Este tempo disponível não é o resultado de uma decisão do indivíduo; é, primeiramente, o resultado de uma evolução da economia e da sociedade.” (DUMAZEDIER, 1979, p.92)

Mesmo que as expressões tempo disponível e tempo conquistado busquem superar as limitações que circundam o conceito de tempo livre, elas também são caracterizadas como um tempo fora de trabalho e das demais obrigações. Nesse sentido, todas essas compreensões (tempo livre, disponível ou conquistado) correm o risco de manter a fragmentação da própria noção de tempo na dinâmica social. Para não reforçarem uma visão abstrata do tempo (ELIAS, 1998), tais interpretações precisam ser problematizadas enquanto símbolos de uma instituição social. É necessário considerar, também, a realidade dos contextos hodiernos que não são regidos pelo cronômetro e pela noção de tempo linear. Lógicas distintas podem evidenciar diferentes facetas do tempo como uma construção histórico-social e, por isso, cada realidade singular tem sua própria contemporaneidade.

Essas reflexões também são válidas para os contextos amplamente marcados pelas novas tecnologias, os quais desafiam as compreensões tradicionais de tempo de trabalho/tempo livre e alteram substancialmente nossas percepções de tempo e de espaço.

Segundo Lipovetsky (2004), nas décadas de 1980-1990 instalou-se um presentismo subjacente à globalização neoliberal e à revolução da informática, as quais foram conjugadas e comprimiram o espaço-tempo, acentuando fortemente a lógica da brevidade. Assim, “a mídia eletrônica e informática possibilita a informação e os intercâmbios em ‘tempo real’, criando uma sensação de simultaneidade e de imediatez.” (LIPOVETSKY, 2004, p.62-63). Assim, o autor afirma que “nunca antes a humanidade lançou tão grande desafio ao homem e ao espaço-tempo” (LIPOVETSKY, 2004, p.68).

Essas considerações salientam a relevância de problematizar as representações abstratas de tempo e de espaço. Fundamentando-se em Lefebvre e em Santos, Gomes (2011) argumenta que não é possível definir os acontecimentos históricos e espaciais fora de suas determinações ou sem considerar a totalidade da qual eles procedem e que eles reproduzem. Essa perspectiva indica a parcialidade presente nas compreensões de lazer que negligenciam a territorialidade e enfatizam o aspecto tempo, focalizando principalmente o tempo residual do trabalho produtivo ou escolar. Assim, o tempo social não pode ser explicado sem o espaço social, e vice-versa, pois essas dimensões são inseparáveis.

Assim sendo, o tempo/espaço é constituído por aspectos objetivos, subjetivos, simbólicos, concretos e materiais. Essas reflexões evidenciam conflitos, contradições e relações de poder e, por isso, desafiam as diferentes compreensões de tempo livre que circulam em diferentes contextos, em especial no contexto latino-americano.

3 DISCUSSÕES E CONSIDERAÇÕES E FINAIS

Nos variados entendimentos enunciados pelos professores, profissionais e estudantes de pós-graduação entrevistados nesta pesquisa, prevaleceu principalmente a ideia de tempo livre como aquele que resta após serem cumpridas as atividades obrigatórias. Seguindo essa interpretação, o tempo livre representa um tempo

de “não trabalho” que fica depois das atividades profissionais, obrigações e outros compromissos (familiares, sociais, etc.), constituindo um tempo liberado para fazer o que se gosta e se deseja.

Embora essa compreensão não tenha sido unânime e apesar de cada mestrado apresentar peculiaridades no que se refere à abordagem da temática, pode-se dizer que os entendimentos enunciados pelos entrevistados do Brasil, da Costa Rica, do Equador e também do México confirmaram a pergunta central que guiou este artigo: o tempo livre foi majoritariamente concebido como uma fração temporal exterior ao tempo de trabalho, marcado pela não obrigatoriedade e destituído de finalidades utilitárias ou produtivas.

Cabe ressaltar, contudo, que nem todos os entrevistados latino-americanos compreendem o tempo livre como um tempo residual do trabalho. Nessa direção, ele foi configurado como um tempo que, por ser vinculado à recreação e ao lazer, pode ser dedicado a si mesmo, com autonomia, sendo resultante da própria decisão e livre determinação do sujeito, como foi destacado principalmente por entrevistados mexicanos e equatorianos.

Foi também constatada a ideia de que o tempo livre precisa ser administrado ou controlado para potencializar a sua utilização e, até mesmo, evitar problemas sociais e a ocorrência de vícios, combater o perigo da improdutividade, a preguiça, a vadiagem, a ociosidade e o ócio. Essas questões foram indicadas por alguns entrevistados latino-americanos, especialmente da Costa Rica, que chamaram a atenção para a necessidade de empregar positivamente o tempo livre, o que dependeria do seu uso “correto” e “adequado”. Entretanto, como foi discutido no presente artigo, o que pode ser considerado positivo por algumas pessoas ou em alguns contextos pode representar algo nocivo em outras realidades, o que demanda futuras problematizações e análises sobre o tema.

Alguns entrevistados explicitaram sua opção por não utilizar o conceito de tempo livre, salientando as contradições

que permeiam essa expressão. Essa compreensão foi mencionada somente no contexto do Brasil, onde foi sugerida a importância de repensar criticamente o entendimento que reduz o tempo livre a um tempo residual. Para esses sujeitos, o tempo fora do trabalho não é totalmente liberado e disponível para o lazer, sendo preciso levar em conta outras obrigações e responsabilidades a cumprir além daquelas vinculadas ao trabalho produtivo.

Esses resultados evidenciam que o chamado tempo livre, e com isto também as compreensões de lazer e recreação muitas vezes a ele associado, geralmente configuram-se como esferas supostamente contrárias ao trabalho – que, paradoxalmente, são imprescindíveis para a manutenção da força produtiva, complementando-a.

No entanto, como afirmou Adorno (2002, p.64), essa lógica que distingue o trabalho do tempo livre, e vice-versa, é permeada de contradições:

[...] a distinção entre trabalho e tempo livre foi inculcada como norma à consciência e inconsciência das pessoas. Como, segundo a moral do trabalho vigente, o tempo em que se está livre do trabalho tem por função restaurar a força de trabalho, o tempo livre do trabalho — precisamente porque é um mero apêndice do trabalho — vem a ser separado deste com zelo puritano.

O autor prossegue:

Por um lado, deve-se estar concentrado no trabalho, não se distrair, não cometer disparates; sobre essa base, repousou outrora o trabalho assalariado, e suas normas foram interiorizadas. Por outro lado, deve o tempo livre, provavelmente para que depois se possa trabalhar melhor, não lembrar em nada o trabalho. Esta é a razão da imbecilidade de muitas ocupações do tempo livre. Por baixo do pano, porém, são introduzidas, de contrabando, formas de comportamento próprias do trabalho, o qual não dá folga às pessoas. (ADORNO, 2002, p.64)

Questões como essas são relevantes porque desafiam as tradicionais compreensões de tempo livre identificadas nesta pesquisa. Por isso, o tema precisa ser problematizado e aprofundado na formação profissional em lazer e áreas afins como um todo, e não somente no contexto dos cinco mestrados latino-americanos pesquisados, tendo em vista o desafio de gerar novos conhecimentos nesse campo de estudos e intervenções. Afinal, a realidade é muito mais complexa do que as formas tradicionais de entendê-la, sobretudo porque as fronteiras entre o trabalho e o chamado tempo livre são cada dia mais difusas. Tudo isso requer novos olhares sobre o tempo/espaço social que nos constitui enquanto sujeitos individuais e coletivos, e também sobre a suposta dimensão de liberdade que a expressão tempo livre acaba sugerindo.

Souza Júnior (2000) esclarece que a categoria tempo livre está longe de significar a total liberdade da pessoa ou de promover uma autonomia frente às diversas formas de opressão e alienação social. O sujeito pode considerar que se encontra livre mesmo que seja momentaneamente, mas, numa condição apenas aparente e limitada.

Sobre a suposta liberdade anunciada pela expressão o tempo livre, Marcuse (1981) explica que ela não se relaciona com as prerrogativas das sociedades regidas pela lógica do lucro, da exploração e degradação social, e sim com a adequada satisfação das necessidades humanas pela via da emancipação social. Para o autor:

O homem só é livre quando está livre de coações, externas e internas, físicas e morais – quando não é reprimido pela lei nem pela necessidade. Mas tal coação é a realidade. Assim, num sentido estrito, liberdade é a emancipação de uma realidade estabelecida: o homem está livre quando a realidade perde sua seriedade e quando a sua necessidade se ilumina. (MARCUSE, 1981, p.171)

Padilha (2004, p.221) também questiona o valor de liberdade atribuído ao tempo livre e sublinha que, numa abordagem crítica da sociedade, “ela é apreendida como contraditória, o que faz com que

o tempo livre, como um fenômeno social, também seja cheio de contradições”. Por isso, ele pode ser tanto um tempo de alienação e consumismo ou, em contrapartida, ser um tempo de reflexão e de práxis que possibilita o questionamento e a transformação da ordem social vigente, no sentido de alcançar uma existência mais justa e solidária.

Considerações como essas colocam em evidência a relevância de lembrar as lutas pela redução das jornadas de trabalho e ampliação do chamado tempo livre. Especialmente nas sociedades que seguem a lógica capitalista e/ou de produtividade exacerbada (como China e outros países não capitalistas, sobretudo asiáticos), onde as jornadas de trabalho alcançam ou até mesmo superam 15 ou 17 horas por dia. A jornada de 8 horas diárias e 48 semanais, com um dia de folga por semana, foi efetivada em diversos países após a 1ª convenção realizada em 1919 pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), mas, esses direitos trabalhistas estão sendo gradativamente perdidos (ELIZALDE, 2008).

Assim, apesar dos avanços, em muitos casos se perdem conquistas geradas por meio de grandes lutas operárias, laborais e sindicais, as quais marcaram decisivamente muitos países nos séculos XIX-XX. Com isso, as reivindicações e conquistas decorrentes de muitas lutas vêm sendo deterioradas e perdidas em decorrência da precarização do trabalho, que é uma das consequências da tão aplaudida globalização econômica neoliberal. Em contextos de flexibilização laboral, já não se conta com a estabilidade almejada por milhões de trabalhadores e, em muitos casos, se evidencia a incerteza quanto à possibilidade de manter um emprego no futuro (WERNECK, STOPPA, ISAYAMA, 2001; GOMES; ELIZALDE, 2009; 2012).

Considera-se fundamental reconhecer que o debate sobre o chamado tempo livre no contexto dos estudos do lazer coloca em evidência discussões tão relevantes como essas. Reconhecer essa importância não significa, contudo, que o chamado tempo livre tenha que ser limitado a um tempo residual do trabalho; que a visão

dicotômica entre trabalho e lazer tenha que ser reforçada, tampouco que o lazer tenha que ser discutido exclusivamente no âmbito do trabalho. Afinal, o contexto do trabalho é uma das possibilidades para se analisar o lazer, mas, não é a única, sendo pertinentes e igualmente relevantes inúmeras outras abordagens que consideram diversas dimensões e múltiplos outros campos da vida social.

Em suma, mesmo que a expressão tempo livre seja parcial e insuficiente para expressar as contradições, tensões e realidades difusas, multidimensionais e complexas existentes na vida social atual, esta pesquisa evidenciou que ela ainda é bastante empregada no contexto de cinco mestrados latino-americanos em Lazer e Recreação. Por isso, um dos desafios que se colocam para os estudiosos do tema é entender o tempo livre como uma instituição social, como indicado por Elias (1998). Ou seja, compreender o tempo livre como uma construção social resultante de um longo processo de coerção, autodisciplina e aprendizagem vinculado ao trabalho produtivo, que simboliza algumas das contraditórias representações socialmente incorporadas na vida cotidiana.

Assim, embora as tensões e as contradições que permeiam o chamado tempo livre sejam recorrentes, considera-se essencial questionar e repensar sobre diferentes aspectos que envolvem sua discussão no âmbito dos estudos do lazer, bem como as possibilidades e impossibilidades de sua concretização na América Latina e em outras realidades.

Free time: understanding of participants of latin american master's degrees in leisure and recreation

Abstract: This article is the result of a research and its goal is to analyse the understandings of free time for professors, professionals and students linked to five master's degrees in Leisure / Free Time / Recreation developed in four Latin American countries: Brazil, Costa Rica, Ecuador and Mexico. The text seeks to identify and discuss the fundamentals used by respondents to support their understanding. The methodology includes a literature research and interviews with 25 volunteers linked to the five institutions studied. The results showed that free time, and the concepts of leisure and recreation usually appears as spheres contrary to the work. Although not unanimous, the prevailing understanding of free time as that which remains after the completion of the professional activities, obligations and other commitments, representing a released time to do what you like and want. Some respondents made explicit their choice not to use the concept of free time, highlighting the contradictions that permeate this expression.

Key words: Leisure activities. Recreation. Students.

Tiempo libre: entendimientos enunciados por participantes de maestrías latinoamericanas en lazer y recreación

Resumen: Este artículo es fruto de una investigación más amplia y busca analizar las comprensiones de tiempo libre de profesores, profesionales y estudiantes vinculados a cinco programas de maestría en Lazer/Tiempo Libre/Recreación desarrollados en cuatro países latinoamericanos: Brasil, Costa Rica, Ecuador y México. El texto busca, también, identificar y discutir los fundamentos utilizados por los entrevistados para elaborar sus entendimientos. La metodología contempla una investigación bibliográfica y entrevistas realizadas a 25 voluntarios, vinculados a las cinco instituciones estudiadas. Los resultados mostraron que el llamado tiempo libre, y también las comprensiones de ocio (lazer) y de recreación muchas veces asociadas a él, generalmente se configuran como realidades opuestas al trabajo. Aun cuando no haya sido unánime, prevaleció la comprensión del tiempo libre como aquel tiempo que queda después de ser cumplidas las actividades profesionales, obligaciones y otros compromisos, representando un tiempo liberado para hacer lo que se gusta y se desea. Algunos entrevistados explicitaron su opción de no utilizar el concepto de tiempo libre, destacando las contradicciones que influyen sobre este término.

Palabras claves: Actividades recreativas. Recreación. Estudiantes.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. **Indústria cultural e sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- BRUYNE, Paul; HERMAN, Jacques, SCHOUTHEETE, Marc. **Dinâmica da pesquisa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- ELIZALDE, Rodrigo. El Ocio entendido desde la teoría del desarrollo a escala humana: Buscando experiencias para la transformación social. *In*: CONGRESO NACIONAL DE RECREACIÓN, 10. 2008. **Memórias...** Bogotá: Funlibre, 2008. Disponível em: <<http://www.redcreacion.org/documentos/congreso10/RElizalde.html>>. Acesso em: 30 mar. 2012.
- GOMES, Christianne L. **Lazer, trabalho e educação: Relações históricas, questões contemporâneas**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- GOMES, Christianne L. Estudos do Lazer e geopolítica do conhecimento. **Revista Licere**. Belo Horizonte, v.14, n.3, set., p.1-25, 2011. Disponível em: http://www.anima.eefd.ufrj.br/licere/pdf/licereV14N03_ar1.pdf. Acesso em: 27 ago. 2013.
- GOMES, Christianne L.; ELIZALDE, Rodrigo. Trabajo, tiempo libre y ocio en la contemporaneidad: Contradicciones y desafíos. **Revista Polis**, Santiago, v.8, n. 22, p. 249-268, 2009. Disponível em: <www.scielo.cl/pdf/polis/v8n22/art15.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2012.
- GOMES, Christianne; ELIZALDE, Rodrigo. **Horizontes latino-americanos do lazer/ Horizontes latinoamericanos del ocio**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.
- LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber: Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- LIPOVETSKY, Gilles. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.
- MARCUSE, Herbert. **Eros e Civilização: Uma interpretação Filosófica do pensamento de Freud**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- PADILHA, Valquíria. Tempo Livre. *In*: GOMES, Christianne L. (Org.). **Dicionário Crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 220-221.
- ROJEK, Chris. O lado Obscuro do Lazer: Formas Anormais. *In*: FORTINI, J.L.M. et al. (Org.). **Desafios e perspectivas da educação para o lazer / Desafios y perspectivas de la educación para el ocio / Challenges and Prospects of Education for leisure**. Belo Horizonte: SESC/Otium, 2011. p. 137-148.
- SOUZA JÚNIOR, Justino. Tempo livre. *In*: FIDALGO, Fernando; MACHADO, Lucília
- Movimento**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 569-591, abr./jun. de 2014.

R. S. (Org.). **Dicionário da educação profissional**. Belo Horizonte: Setascad/Ministério do Trabalho e Emprego, 2000. p.325.

WERNECK, Christianne L. G.; STOPPA, Edmur; ISAYAMA, Hélder F. **Lazer e mercado**. Campinas: Papyrus, 2001.

Auxílio financeiro: CNPq; FAPEMIG; Ministério do Esporte.

Endereço para correspondência:

Christianne L. Gomes

Av. Antonio Carlos 6627

EEFFTO/DEF/GRUPO OTIUM

Campus UFMG

Pampulha, Belo Horizonte, Minas Gerais

CEP. 31270-901

Brasil

Recebido em: 28.09.2013

Aprovado em: 26.02.2014